

APONTAMENTOS SOBRE *LECTURE ET MÉMOIRE*: POR UMA SUMÁRIA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-EPISTEMOLÓGICA

Carlos PIOVEZANI FILHO

Nilton MILANEZ

Universidade Estadual Paulista/Araraquara

Uma vez que os textos de Solange Mittmann e de Silvânia Siebert, que compõem o painel *Lecture et mémoire*, já se dedicaram a traçar um panorama geral do Projeto de Pêcheux (apresentado à e recusado pela *Commission de psychologie n° 26 do CNRS/Centre National de Recherche Scientifique*), de modo a resumi-lo e comentá-lo suficientemente, pretende-se, aqui, tão-somente empreender algumas breves considerações acerca do contexto histórico-epistemológico no interior do qual *Lecture et mémoire* foi concebido, e, ainda, acerca do arcabouço teórico, que coaduna, entre outros, pensadores da História nova, da Micro história, do Estruturalismo histórico francês e da “Filosofia” linguageiro-literária russa, respectivamente representados por Philippe Ariès e Pierre Nora, Carlo Ginzburg, Michel Foucault, e, não sem alguma estranheza (que se tornaria, por vezes, familiar, conforme se aludirá adiante), Mikhail Bakhtin. Assim, não se aspira a contemplar e a discutir supostos pontos nevrálgicos dos trabalhos das panelistas, de acordo, talvez, com o que seria esperado de um gênero discursivo como o **debate**; proceder-se-á desse modo, ao menos por três razões: a) faltaria competência a estes debatedores; b) não contribuiria para o engrandecimento das discussões nem seria relevante; e c) *last but not least*, estar-se-ia sendo deselegante e injusto com relação ao primoroso trabalho realizado na constituição do painel.

Com vistas a engendrar uma sumária contextualização de *Lecture et mémoire*, optou-se por seguir a *rememoração* efetivada por Denise Maldidier¹ que, em *(Re) lire Michel Pêcheux aujourd’hui* (1990), empreendeu, ao lançar um olhar sobre a trajetória da AD, uma retrospectiva, praticamente paralela,

¹ As citações de Maldidier (1990) são provenientes da tradução realizada pela Profa. Maria do Rosário Gregolin e do próprio texto de Maldidier. Sabe-se, entretanto, da existência de uma tradução, recentemente publicada, empreendida pela Profa. Eni Orlandi, a qual, lamentavelmente não tivemos acesso.

mas bem mais exaustiva, àquela realizada por Pêcheux, em *Analyse de Discours: trois époques* [1983 (1997a)], sobre o percurso pelo qual se enveredou esse campo de saber, desde a *entrada* (de Pêcheux) *na vida intelectual*, sob a forma dos textos assinados por Thomas Herbert, passando pelo momento inaugural da AD, no final da década de 60, até o falecimento de Pêcheux, ainda na primeira metade da década de 80; ela anuncia:

“Eu desejo, em forma de narração, acompanhar esse percurso: do tempo das grandes construções àquele dos tateamentos, e depois à desconstrução lentamente operada até o final, em 1983. Mais do que uma história, trata-se de uma lembrança: eu evocarei os acontecimentos, os encontros, as leituras, uma ‘aventura a várias vozes’.” (1990, p. 08-9)

É possível vislumbrar, no enunciado de Malidier, o itinerário da AD cindido em três grandes blocos temporais, aos quais ela denominou, não sem propósitos *O Tempo das grandes construções* (1969-1975); *Tateamentos* (1976-1979); e *A Desconstrução dirigida* (1980-1983). A ponderação sobre esse percurso, que aponta para os desenvolvimentos da teoria, torna-se necessária na medida em que, malgrado a leitura e a memória terem estado presentes (de forma germinal, por vezes, é certo) nos textos fundadores da disciplina, passando do período das *grandes construções* até aquele dos *tateamentos*, é, de fato, durante a *desconstrução dirigida* que serão elas temas centrais da reflexão de Pêcheux e seu grupo: *Lecture et mémoire* é produto desse momento (tendo sido, provavelmente, redigido concomitante com *Analyse de Discours: trois époques*). A institucionalização do grupo junto ao CNRS, sob a forma da *RCP/ADELA* (*Recherche coopérative programmée/Analyse de discours et lecture d’archive*), ocorreu em 1982, visto que, apesar do anti-universitarismo tão próprio a Pêcheux, a AD, situada essencialmente às margens, de acordo com o paradoxo referido em *L’étrange miroir de l’analyse de discours* (1981a), conquistava cada vez mais espaço na instância institucional-universitária. Na própria designação *ADELA*, observa-se uma perspectiva diferenciada no que concerne ao tratamento dado à leitura:

“se o problema da leitura colocado desde AAD 69 ressurgir, é de uma maneira radicalmente nova que ela é abordada. De roldão, o termo foucaultiano de “arquivo” insere a leitura num horizonte que não é mais aquele da “máquina de ler”, mas aquele da confrontação com os textos sócio-históricos mais diversos.” (MALDIDIER, 1990, p. 73).

Faz-se compulsório sublinhar que, durante os primeiros anos da década de 80, o tema da leitura perpassa uma série de textos e é absolutamente central em outros; entre aqueles, a *Ouverture du colloque Matérialités Discursives* [1980 (1981b)], *L'étrange miroir de l'analyse de discours* [1980 (1981a)], e *Rôle de la mémoire* [1983 (1999a)]; entre os últimos, destaca-se, sobretudo, *Lire l'archive aujourd'hui* [1982 (1997b)], que é, inclusive, considerado o “manifesto” de l’ADELA². Vale ressaltar, ainda, que os enfoques sobre a leitura são distintos: nos dois primeiros textos, Pêcheux utiliza a figura da *imbécilité* — que insta a emergência da *prothèse théorico-technique*, de uma *orthopédie de la lecture*, por meio da qual se suplantariam tanto as deficiências do pensamento político (haja vista a crise francesa da união das esquerdas, melancolicamente manifesta nas notas 04 e 08 de *Le discours: structure ou événement* [1983 (1997c)]) quanto as falhas, faltas, carências ou paralisias, conforme o expressou Pêcheux (19981b, p. 05), que afetam a prática “natural” da leitura, de modo que se fazia intervir um dispositivo de *lecture-trituration*, com vistas a *libérer la matière verbale des restes de sens* (PÊCHEUX, 1981a, p. 16) —para atacar virulentamente a pressuposição de

² Além de *manifesto* da ADELA, é normalmente atribuído a esse texto o papel de preparar a reflexão que estará presente nos textos ulteriores de Pêcheux (notadamente em *Sur la (dé-)construction des théories linguistiques* [1982 (1999b)], *Lecture et mémoire* [1983 (1990)] e *Le discours: structure ou événement* [1983 (1997c)]), segundo a qual “há real”(ou antes, há vários tipos de real), sendo que este bifurca-se em *universos discursivos logicamente estabilizados*, organizados por disjunções lógicas, no interior das quais a interpretação tende a ser interdita, e em *universos discursivos não-estabilizados logicamente*, onde as formulações são irremediavelmente equívocas; sem esquecer, entretanto, o fato de que a “fronteira entre os dois espaços é tão difícil de determinar que existe toda uma zona intermediária de processos discursivos (concernentes ao jurídico, ao administrativo e às convenções da vida cotidiana) que oscilam em torno desta fronteira” (PÊCHEUX [1982], 1999b, p. 24-25). Contudo, talvez, deva-se problematizar tal atribuição na medida em que — tanto em *Remarques pour une théorie générale des idéologies* [1968 (1995)] quanto em *Analyse automatique du discours* [1969 (1997d)], respectivamente, nas cisões interdependentes (apesar da antífrase): *ideologias de tipo “A”*, cujos produtos são *derivados da prática técnica empírica*, e *ideologias de tipo “B”* (político-especulativa), as quais promovem as “condições indispensáveis da prática política” (HEBERT, 1995, p. 65); e *análise documental*, cujos objetos advêm de âmbitos institucionais, e *análise “não institucional”*, da qual o mito, foi o exemplo dado (PÊCHEUX, 1997d, p. 68) — é possível remontá-la aos textos fundadores da AD, derivada de Pêcheux.

uma leitura não-subjetiva materializada nos procedimentos de análise-leitura da AD que fazem irromper *le fantasme de l'objectivité minutieuse* (PÊCHEUX, 1981b, p. 06). Segundo a afirmação de Malidier, os gestos de leitura sinalizam, a partir desse momento, não mais para a “máquina de ler”, mas para o confronto necessário com os diversos enunciados que compõem o corpo/*corpus* sócio-histórico de traços: é essa a concepção de leitura contida em *Lecture et mémoire*. Ademais, reitera-se no Projeto de Pêcheux, mediante a distinção entre “d’une part les univers discursifs logiquement stabilisés et d’autre part les espaces discursifs non stabilisés logiquement” [1983 (1990, p. 287)], a identificação da leitura como prática de interpretação (e não como tratamento de informação) que visa a perscrutar as redes de memória que incidem sobre as seqüências discursivas.

No que se refere à memória, cabe assinalar que desde sua inserção no campo da AD — por meio da incorporação de postulados foucaultianos de *L’Archéologie du savoir* [1969 (1997)] promovida fundamentalmente pela tese de Jean-Jacques Courtine, *Quelques problèmes théoriques e méthodologiques en analyse du discours, à propos du discours communiste adressé aux chrétiens* [1980 (1981)] e das várias sofisticações empreendidas por Pêcheux, sobretudo, em *Rôle de la mémoire* [1983 (1999a)] e *Lecture et mémoire* [1983 (1990)] — ocorreu, nos últimos trabalhos de Pêcheux, uma espécie de crescente enfraquecimento da noção de *formação discursiva*. Posto que o período designado *desconstrução dirigida* caracteriza a fase na qual se observa uma profusão de críticas às fases anteriores, principalmente, em função dos *laborieux parcours* (homogeneizantes) que obtinham *bien maigres résultats*, e que instaurava um verdadeiro “ratage du discours qui est un ratage de l’hétérogénéité comme élément constitutif de pratiques discursives” (COURTINE e MARANDIN, 1981, p.23), pode-se avançar dizendo que a noção de FD, ainda que com todas as reconfigurações por ela sofridas, era um emblema dos obsoletos procedimentos parafrásticos tão comuns às construções de classes de equivalência distribucional, conforme a *Discourse Analysis*, de Harris e a *Analyse automatique du Discours*, realizadas nas primeiras épocas. Em suma: “La notion de **formation discursive**, comme on

pouvait le pressentir depuis quelque temps, a disparu” (MALDIDIÉ, 1990, p. 87); ou nos termos do próprio Pêcheux:

“A noção de “formação discursiva” emprestada a Foucault pela análise de discurso derivou muitas vezes para a idéia de uma máquina discursiva de assujeitamento dotada de uma estrutura semiótica interna e por isso mesmo voltada à repetição: no limite, esta concepção estrutural da discursividade desembocaria em um apagamento do acontecimento, através de sua absorção em uma sobre-interpretação antecipadora.” (1997c, p. 56).

Ora, algumas permutações não raras vezes efetivadas entre *interdiscurso* e *memória discursiva* contribuíram para o fato de que o primeiro deixasse de ser considerado como “exterior específico de uma FD”. Em *Lecture et mémoire* a indistinção entre essas duas noções pode ser observada na passagem em que Pêcheux, depois de ter caracterizado a memória como “un ensemble complexe, préexistant et extérieur à l’organisme, constitué par des séries de **tissus d’indices lisibles**, constituant un corps socio-historique de traces” (PÊCHEUX, 1990, p. 286), assevera que o “**interdiscours** caractérise ce corps de traces comme matérialité discursive, extérieure et antérieure à l’existence d’une séquence donnée, dans la mesure où cette matérialité intervient pour la constituer” (PÊCHEUX, 1990, p. 289); aliás, tanto em *Lecture et mémoire* quanto em *Rôle de la mémoire*, o *interdiscurso*, concebido como “memória discursiva, é condição do legível em relação ao próprio legível” (PÊCHEUX, 1999a, p. 52) ou, mesmo, a “condition essentielle de la production et de l’interprétation d’une séquence” (PÊCHEUX, 1990, p. 289). Desse modo, torna-se possível observar que a própria concepção pecheuxtiana de discurso, como estrutura e acontecimento, está inerentemente relacionada com a memória, visto ser ela a responsável pela inserção — nem sempre totalmente eficiente, e pragmaticamente feliz, dado que

“todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho de deslocamento no seu espaço: não há identificação

plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma “infelicidade”, no sentido performativo do termo” (Pêcheux, 1997c, 56)]

de uma atualidade numa série genealógico-histórica — de uma atualidade numa filiação histórica, visto caber a ela, enfim, cumprir a função de construir a passagem *do visível ao nomeado*, para retomar a expressão de Pêcheux.

Tendo completado por ora, mesmo que, sumariamente, a proposta de uma contextualização histórico-epistemológica do quadro no qual se insere o *Projet de Lecture et Mémoire* de Pêcheux, destacar-se-á, a partir daqui, a discussão, de uma maneira mais pontual, sobre as bases epistemológicas do projeto, no tocante ao conjunto de autores e obras que fundamentam seus alicerces, de modo que se remeta, primeiramente à memória e à leitura, para depois, deixar a impressão daquele Pêcheux apaixonado tanto pelas políticas quanto pelas máquinas discursivas, mas que exige uma mudança metodológica na natureza de seu *corpus*, vislumbrando a possibilidade de uma singularidade sempre sufocada.

Acredita-se, portanto, ser preciso compreender o encadeamento das posições diante da história no que concerne aos lugares ocupados por Philippe Ariès, Carlo Ginzburg, Mikhail Bakhtin e Michel Foucault, tomando-os na dispersão da representação de seus trabalhos, buscando a regularidade que os uniu em *nó na rede* no presente projeto, dando um lugar para que o sujeito se situe, proporcionando-lhe uma posição como sujeito que enuncia um conjunto de saberes que, então, encontraram eco num corpo sócio-histórico de traços.

A inscrição desses traços no espaço dá-se sob formas variadas em diferentes posições, que ora se opõem, ora se contradizem, mas que delineiam sempre o fio da História. Pêcheux salientará, assim, o projeto desenvolvido pelos *Annales* no correr dos anos 60 e 70, especificamente, por um “historiador domingueiro”, como Philippe Ariès chamava-se a si próprio, e por Le Goff, evidenciando a incorporação dos trabalhos da *Nova História*. Dessa maneira, a história das mentalidades entendida como exame do ponto de vista e percepção do homem comum no que tange aos fatos mais do que a análise dos próprios fatos em si, numa tentativa de estabelecer contato com homens e mulheres esquecidos da história (DARNTON, 1995), destacando a relação

entre natureza e cultura, além das formas pelas quais uma cultura vê e classifica fenômenos naturais como a infância e a morte (BURKE, 1997).

Nesse ínterim, num primeiro momento, em *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*, Philippe Ariès, discutirá sobre a família, a sexualidade e a história do amor, tendo como tese principal o sentimento de que a infância não existia na Idade Média, ao se basear em registros iconográficos. Num segundo momento, em *L'homme devant la mort* abordará a 'morte invisível', prática vitoriana subvertida, tratando a morte como tabu e discutindo o sexo abertamente. Ainda, ao trazer Le Goff para seu projeto, Pêcheux traria à tona, também, uma história do imaginário medieval, situada em *La Naissance du Purgatoire*, história das mudanças das representações da vida depois da morte, observando novas atitudes em relação ao tempo, espaço e número nos séculos XII e XIII, destacando um imaginário social e um conceito de ideologia próxima a de Althusser, definida como "a relação imaginária dos indivíduos com as condições reais de existência", via uma tendência principal que irá na direção "da história serial e quantitativa".

Depara-se, assim, nesses trabalhos, com um conceito de história que se fundamenta em fatos que se sobrepõem dentro de um período histórico determinado, seguindo os traços que constituíram o sentido e as marcas da posição de um sujeito preso nas teias de fios que costuram uma rede, reproduzindo a recorrência de uma ordem na costura em que uma passada da linha pela agulha já se lança a outro ponto vislumbrado em sucessão, fazendo-se pensar a história como evolução, dentro de uma tradição historiográfica que foi profundamente marcada pelo marxismo³.

E nessa rede de "signos, traços e pistas", Pêcheux evidencia as noções de "ideologia ou de "universos de representação e de crenças", retomando os termos empregados por Carlo Ginzburg, que trabalhará com modalidades diferentes, trocando a posição das mentalidades e suas imensas empresas em história quantitativa das idéias ou da história serial religiosa pela investigação a

³ Segundo uma formulação clássica de Pierre Chaunu, as mentalidades existiriam em um "terceiro nível da história, fazendo parte de uma superestrutura, que se ergue sobre as estruturas mais básicas da sociedade e da economia, tríplice visão da transformação que condiz com uma tradição historiográfica que foi profundamente influenciada pelo marxismo (DARNTON, 1995). Dessa maneira, a história das mentalidades nos Annales pressupunha uma história social e econômica para a qual se dava grande relevância em detrimento de outros aspectos do passado, além ainda de não se encontrar no estudo das

respeito de uma cultura popular, na qual os movimentos de seu sujeito fugiram de uma prática homogeneizante, compreendendo um sujeito anônimo exercendo sua resistência perante as leis.

Em *O queijo e os Vermes* (1976), promover-se-á a micro-história presentificada no cotidiano de Mennochio, um moleiro no Friule, na Idade Média, contando de suas leituras sobre cosmogonia e sua perseguição pela inquisição. Dessa forma, Ginzburg estenderá às classes baixas o conceito histórico de “indivíduo”, pois Mennochio era, pelo menos em parte, diferente dos outros. Entretanto, o destaque para essa individualidade tinha os limites da cultura do seu próprio tempo e da própria classe. Assim, da mesma maneira que a língua, a cultura oferecerá ao indivíduo um “horizonte de possibilidades latente”, dando vazão ao exercício da liberdade, mesmo que condicional, de cada um. Dessa posição de sujeito, voltar-se-á a atenção para um forma de individuação de um sujeito histórico constituído pela preocupação com os sinais, focalizando o detalhe (“Deus está no particular”), nas *Raízes de um paradigma indiciário* (1980), que pode ser entendido como um modelo epistemológico, cuja tentativa era contrapor-se ao racionalismo e irracionalismo no âmbito de um “processo histórico de decifração de leitura”.

Reconfigurando esse corpo de pistas, ao retomar a cultura como um discurso que retém a memória coletiva, Mikhail Bakhtin reconduzirá tanto os lugares comuns e os estereótipos quanto as falas excepcionais para o discurso em relação aos quais cada sujeito é obrigado a se situar⁴. Assim, será com a citação de Todorov retomando Bakhtin que se encontrará a possibilidade de o sujeito deslocar-se do já-dito, visto que ele pode situar-se frente ao interdiscurso. Dessa forma, mesmo que se preserve o assujeitamento, essa sujeição já admite uma abertura.

Ao colocar em evidência as rupturas enunciativas no fio do discurso, com o aparecimento de um discurso do outro, Bakhtin é convocado para essa abordagem da memória e da leitura, pois a interpelação ideológica

metalidades, no que concerne a abordagem quantitativa, o mesmo tipo de sustentação oferecido pela estrutura sócio-econômica. (BURKE, 1997)

⁴ Citando Todorov (1981) “O caráter mais importante, e também mais ignorado de todo enunciado, é o seu dialogismo, isto é, a sua dimensão intertextual. A cultura é composta de discursos que preservam a memória coletiva (tanto os lugares comuns e os estereótipos quanto às falas excepcionais), em relação aos quais todo sujeito é obrigado a se situar.”

althusseriana talvez não seja mais uma fonte para pensar a relação entre sujeito, sentido e discurso. Na presença da heterogeneidade constitutiva, haverá a possibilidade de levar a pesquisa a abordar **o próprio da língua**, permitindo, para além da existência do outro nas sociedades e na história, a interpretação suscetível já a partir da própria estrutura lingüística, por meio da identificação e das transferências que organizam a memória e as relações sociais em redes de significantes: “(...) todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (PÊCHEUX, 1997c).

Ao aprofundar a noção de interdiscurso, Pêcheux se deslocará do dogmatismo althusseriano à medida que se aproxima de Bakhtin e, posteriormente, de Foucault, explicitando nesse projeto “o essencial do quadro de referência” para a redefinição em direção à idéia da

“multiplicidade do sentido e da dispersão do sujeito : (...) buscaremos [no discurso], um campo de regularidade para diversas posições de subjetividade. O discurso, assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e o que diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e descontinuidade em relação a si mesmo” (Foucault, 1997).

Diferentemente da posição adotada em trabalhos anteriores cuja escolha do *corpus* era determinada a partir de um saber histórico exterior, será agora do interior do campo discursivo, com a circulação dos enunciados, que a questão começa a ser colocada. Segundo Gregolin (2001), o *corpus* será pensado como relacionamento de seqüências discursivas singulares, no qual, abandonada a idéia fixa de arquivo, tratará de *estado de corpus*, integrando o lingüístico e o discursivo, como vemos em *L' Archeologie du savoir* bem como em *L'ordre du discours* com as discussões sobre descontinuidade, série de enunciados, domínios de memória, repetição e novidade do sentido, etc, problematizando a história e desvelando suas descontinuidades, trazendo o

descentramento do sujeito e do sentido nas práticas discursivas que constituem os saberes no que eles concernem aos micro-poderes.

No entrelaçamento dessas redes e trajetos constituídos por diferentes sinais e posições de sujeito face à história, possibilita-se a emergência dos saberes de uma época, de uma sociedade. Pêcheux focaliza, portanto, os processos discursivos por meio dos quais os sujeitos do discurso produzem, interpretam, configuram e fazem circular redes de sentidos e trajetos semânticos em um certo momento histórico na constituição do sujeito. Na abordagem das bases epistemológicas de seu projeto, Pêcheux faz dialogar tanto em suas convergências como divergências, propostas teóricas que desde os anos 60, ao reagrupar diferentes conceitos de história, aponta rupturas que desestabilizam certezas sobre a língua, o discurso, o sujeito e o sentido. Pêcheux, na angústia de conflitos teóricos, mostrou sua perspicácia ao unir novos objetos, novas problemáticas, novas temporalidades para se pensar, hoje, nas relações entre língua e discurso, nas articulações da subjetividade com a alteridade, levando à problematização do radical assujeitamento ideológico e da pura reprodução dos sentidos, desarmando-se do althusserianismo para vislumbrar olhares oblíquos em direção à singularidade.

Referências Bibliográficas:

ARIÈS, Philippe. *L'enfance et la vie familiale sous l'ancien regime*. Trad. Inglesa: Centuries of Childhood. New York, 1965.

ARIÈS, Philippe. *L'homme devant la mort*. Trad. Inglesa: The hour of our death. London, 1981

BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989)*. São Paulo: EDUNESP, 1997.

COURTINE, Jean-Jacques. *Quelques problèmes théoriques e méthodologiques en analyse du discours, à propos du discours communiste adressé aux chrétiens*. In: Langages (*Analyse du discours politique: le discours communiste adressé aux chrétiens*), Paris: Larousse, nº 62, 1981.

COURTINE, Jean-Jacques. e MARANDIN, Jean-Marie. *Quel objet pour l'analyse du discurso?* In: CONEIN, Bernard. et alii. *Matérialités Discursives*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GINZBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário* in: *Mitos, emblemas, Sinais: morfologia e história*. São Paulo: companhia das Letras, 1999.

GREGOLIN, Maria do Rosário. (et alii.). *Análise do discurso: os sentidos e suas movências* in: *Análise do discurso: entornos do sentido*. Araraquara: UNESP, FCL, laboratório Editorial: São Paulo: Cultura Acadêmica editora, 2001.

HEBERT, Thomas. *Observações para uma teoria geral das Ideologias*. In: *Rua*. nº 1. Campinas/SP, 1995.

LE GOFF, Jacques. *La naissance du purgatoire*. Trad. Inglesa: The birth of Purgatory, London, 1984.

MALDIDIER, Denise. *L'Inquiétude du discours*. Paris: Éditions des Cendres, 1990.

PÊCHEUX, Michel. *Ouverture du colloque*. In: CONEIN, Bernard. et al. *Matérialités Discursives*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981a.

PÊCHEUX, Michel. *L'étrange miroir de l'analyse de discours*. Langages, Paris, nº 62: Larousse, 1981b.

PÊCHEUX, Michel. *Análise de discurso: três épocas*. In: In: GADET, F & HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1997a.

PÊCHEUX, Michel. *Ler o arquivo hoje*. In: ORLANDI, Eni. *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1997b.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 1997c.

PÊCHEUX, Michel. *Análise automática do Discurso*. In: GADET, Françoise & HAK, Tony. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997d.

PÊCHEUX, Michel. *Lecture et mémoire: Projet de Recherche*. In: MALDIDIER, D. *L'Inquiétude du discours*. Paris: Éditions des Cendres, 1990c.

PÊCHEUX, Michel. *Papel da memória*. In: ACHARD, Pierre. [et alii.] *Papel da memória*. Campinas/SP: Pontes, 1999a.

PÊCHEUX, Michel. *Sobre a (des-) construção das teorias lingüísticas*. In: *Língua e instrumentos lingüísticos*. Campinas/SP: Pontes, 1999b.